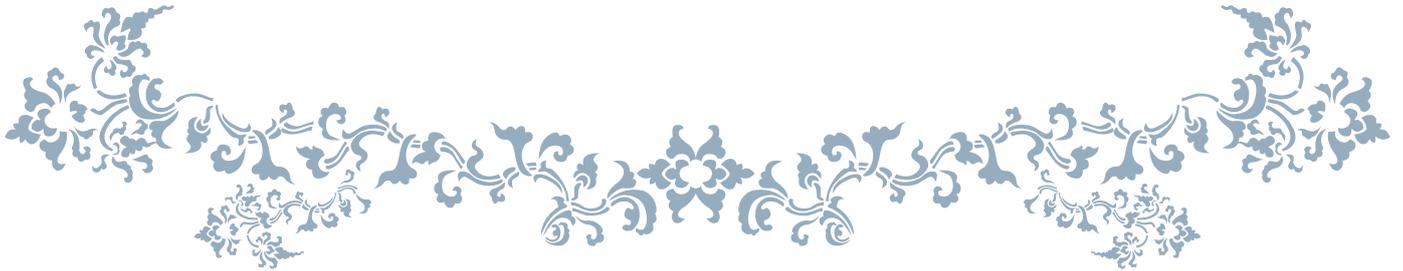




DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Outubro de 2012, nº 158



DEUSAS CANAANITAS

 Mirella Faur

No mês do Samhain, em que celebramos e honramos a ancestralidade, Mirella Faur nos brinda com um artigo sobre como o culto à Deusa resistiu à opressão do patriarcado na antiga Canaã, sobrevivendo durante séculos mesmo sob o domínio da força e do pavor.

Pesquisas arqueológicas recentes comprovaram que o culto da Deusa no Oriente não foi extinto milhares de anos atrás, como se supunha, mas persistiu até depois do começo do cristianismo. A linhagem das numerosas deusas serviu como base para o culto de Maria e as inúmeras Madonas Negras, encontradas e veneradas em diversos lugares na Europa, são lembranças destas divindades de Canaã. Na última década, escavações da área de Sinai trouxeram nova luz e compreensão sobre o culto das deusas canaanitas. A área explorada inclui o Líbano atual, Jordânia, Israel, Palestina e algumas regiões da Síria e Turquia. Os canaanitas eram povos nativos destas regiões, que se misturaram depois com os fenícios e filisteus do Mar Mediterrâneo e Egeu, alguns deles sendo também ligados aos cretenses.

Entre 2.500 a.C e 400 d.C. guerras constantes entre os povos destas áreas levaram a opressões e violentas perseguições aos antigos cultos da Deusa. No entanto, a religião ancestral continuou a ser mantida apesar das oposições militares e políticas, até ser suprimida pelo poder e força da igreja cristã. As histórias do Velho Testamento (abrangendo o período entre 1.800-400 a.C.) relatam como no início os dirigentes hebreus tentaram impor o culto de um deus monoteísta, até que as conquistas do império romano dispersaram os povos da terra. Sobreviveram poucos líderes religiosos



hebreus para tentar reimplantar suas doutrinas, que foram adaptadas posteriormente pelos profetas e retomadas pelo cristianismo.

Escavações arqueológicas feitas ao longo do tempo têm encontrado estatuetas de divindades femininas datadas de 7.000 anos a.C. enterradas nas areias da terra outrora conhecida como Canaã e atualmente lembrada como o local de nascimento do judaísmo e

cristianismo. Estes antigos vestígios oferecem testemunhos silenciosos da reverência mais antiga feita à "Rainha do Céu". Apesar do culto principal de Israel ser de Yahweh (Jeová), foi revelado, através de versos bíblicos e descobertas arqueológicas, que prevaleceu por muito tempo o culto de Baal e Astarte, cujas práticas a ele associados permaneceram nas crenças populares.

Vestígios do culto a divindades femininas

Alguns objetos religiosos mais comuns encontrados em Canaã durante a Idade de Bronze (em torno de 1.500 a.C.) eram as assim chamadas "placas de Astarte", cerâmicas ovais com a representação da deusa Asherah, nua, com braços elevados e segurando serpentes ou lírios. A sua cabeça era adornada com duas espirais idênticas às encontradas nas imagens da egípcia Hathor. Estas placas proviham da Mesopotâmia, datadas do início da Idade de Bronze (3200-2100 a.C.), associadas aos povos fenícios e continuaram a ser confeccionadas até o século VII a.C., apesar das proibições e perseguições dos profetas e sacerdotes hebraicos.

O nome da deusa canaanita nos tempos bíblicos variava entre Ashtoreth, Asherah, Astarte, Attoreth, Anath, Baalat ou Elat, sendo a principal divindade das cidades Tyre, Sidon, Beth Anath, Aphaca e Byblos.

Com o passar do tempo, Astarte foi transformada na esposa do deus Baal, mas continuava sendo venerada como "Regente celeste, Senhora dos reinos, Mãe das divindades" e perpetuando as práticas e rituais do antigo culto da Deusa. O termo Baal - traduzido geralmente como "Senhor"-, inicialmente significava dono de alguma propriedade. Uma lenda do norte de Canaã descreve como Baal do Monte Saphon pediu à deusa Astarte para ajudá-lo a conseguir um templo, já que ele não tinha nenhum. A deusa o ajudou a vencer seus inimigos e a ter o seu templo; nas lendas posteriores Baal é descrito como Baal-Hadad, consorte da Deusa, o deus da tempestade e da chuva. Ele era sacrificado anualmente

aos deuses Damuzi, Tammuz, Attis, Osiris e Adonis, ilustrando o tema universal da morte e renascimento, plantios e colheitas, a decomposição e a renovação da terra.

Outras histórias relatam a guerra entre deuses, principalmente do pai El e o filho Baal, que pede ajuda da sua irmã Anat para conseguir obter da mãe, a deusa Asherah, um palácio tão belo como o das deusas. Anat concorda e tenta convencer El para aceitar, mas sem conseguir. Na guerra que se segue, Baal é morto, engolido pelo monstro da morte chamado Mot. Na sua ausência a chuva desaparece, a seca traz sofrimento e fome e Anat é obrigada a vingar a morte de Baal destruindo Mot, cortando seu corpo com a espada, queimando e moendo seus ossos num moinho e espalhando o pó nos campos. Baal ressuscita da terra e a

chuva trazida por ele devolve a fertilidade da terra, reproduzindo assim o ritual do sacrifício divino do deus da vegetação, que se segue ao processo natural de destruição e renovação governado pela deusa. Apesar do enaltecimento posterior de Baal como deus poderoso e onipotente, as lendas canaanitas descrevem Anath como a divindade detentora de maior poder e valor. Ela era cultuada como a deusa do amor e da guerra, chamada de "Virgem", pois apesar de ter tido mil

amantes, ela não precisava de nenhum deles e renovava sua virgindade anualmente nas águas sagradas ou com banho de orvalho, mostrando assim sua força recuperada através de natureza.

A influência dos povos na representação da Deusa Baalat

Baal era um nome designando qualquer deus e significando "Senhor", conhecido como consorte da deusa Baalat. Porém o nome de Baalat era mais antigo do que de Baal, específico da regente de Byblos e depois usado como atributo de qualquer deusa do Oriente Médio. Baal, Baalath, Belit, Beltis, Belit-Ilani, Belit Illi (equiparada com a suméria Ninhursag) eram nomes da



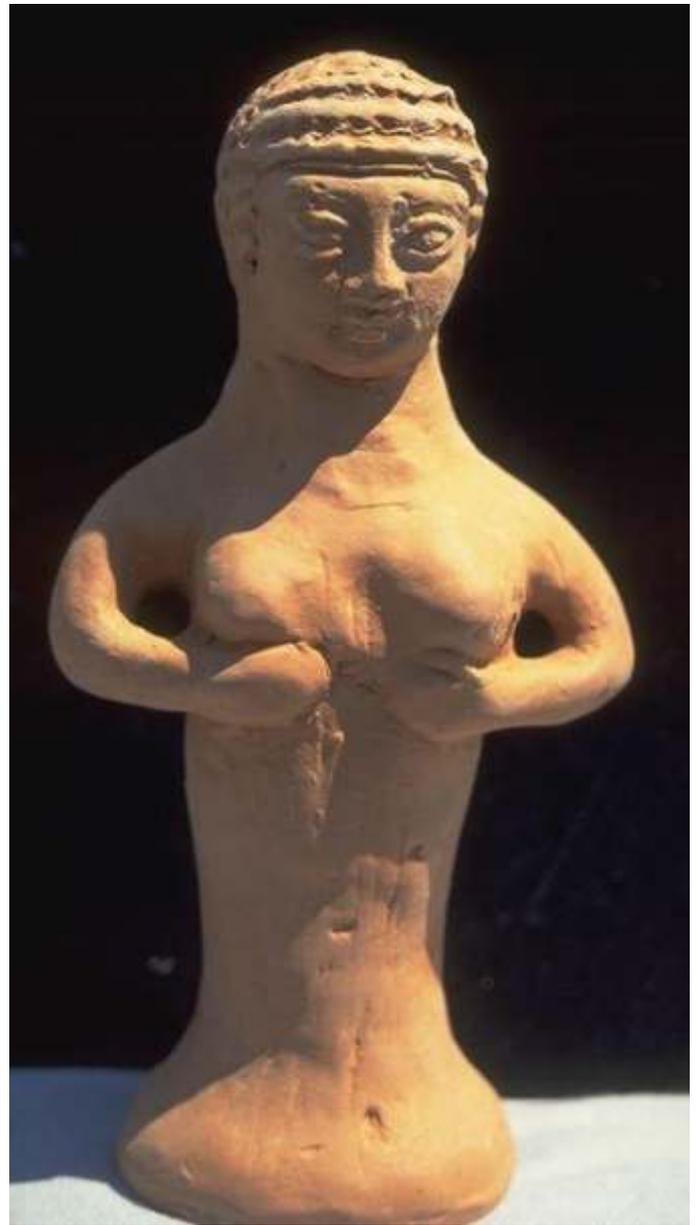
Deusa canaanita, reverenciada como “A Senhora” ou “A Rainha”, Mãe da fertilidade e protetora das crianças, regente do amor e da guerra. Segundo o historiador Heródoto, todas as mulheres que viviam na Babilônia deviam servir como “prostitutas sagradas” nos seus templos, pelo menos uma vez na vida. Supõe-se que o seu culto teve origem nas práticas da deusa fenícia Astarte, regente do amor e da fertilidade e que era associada ao planeta Vênus.

Baalath era padroeira das cidades de Byblos e Gubla e seus templos tinham sido construídos em torno de 2.800 a.C. sendo eles os mais antigos. Ambas as cidades remontam à civilização neolítica (5.000 a.C.) e eram conhecidas pelo seu comércio e intercâmbio com o Egito. Devido à influência egípcia, Baalath é representada com atributos semelhantes a Hathor: penteado egípcio, vestido longo e justo com alças, um adorno na cabeça - seja com raios imitando o Sol, seja com chifres lunares-, ou um simples Uraeus (a cobra real) na testa. Numa cidade próxima a Byblos, Aphaca, onde havia um antigo culto de Astarte, Baalath era reverenciada na forma de um meteorito, que teria caído do céu num lago em meio a chamas de fogo. Os gregos equiparam a deusa Baalath com Afrodite Urania devido à associação de Astarte com o planeta Vênus e lhe atribuíram os nomes ligados aos aspectos de Afrodite: Kypris ou Kythereia (como regente das ilhas de Chipre e Kythera) e Afrodite Aphacitis, como regente da cidade de Aphaca. Os sumérios a denominaram de “Anciã sábia” e a reverenciavam como regente das árvores e florestas. Como deusa principal dos fenícios ela era representada como uma mulher madura, cujas mãos apoiavam seus fartos seios, sinal da sua generosidade para com seus filhos humanos.

A “Mitologia distorcida e falsificada” trazida pelo patriarcado



Outra deusa canaãita era Belit Ilani, chamada de “estrela vespertina do desejo” ou “amante dos deuses”, equiparada com as deusas sumérias Astarte, Ninlil e Ninhursag ou que aparecia amamentando uma criança enquanto a abençoava com a mão direita. Posteriormente os sacerdotes do deus Marduk passaram a denominar as antigas deusas como esposas dos novos deuses: a deusa Belit foi renomeada Zarbanit e considerada apenas a esposa



do deus Marduk e o casal divino assumiu os antigos títulos de Bel e Beltu, “o Senhor e a Senhora” substituindo os deuses Ninlil e Enlil da Babilônia, os regentes da terra.

Ashtoreth era a principal divindade dos semitas matrifocais, “Matriarca das tribos, Mãe da fertilidade e do amor, Condutora nos tempos de paz ou guerra”.

No Velho Testamento usado no sul do Canaã, onde a maior parte de hebreus tinha se estabelecido, o nome de Ashtoreth era sempre usado junto ao de Baal. Ao longo do tempo, os sacerdotes hebreus passaram a chamar a divindade de Ele em lugar de Ela e desconsideraram a existência da Deusa, causando o que o mitólogo Joseph Campbell denominou de “mitologia distorcida e falsificada”. Vários mitos originais foram recontados de forma tendenciosa e a Bíblia passou a ser censurada pelos sacerdotes, que tinham o poder de decidir sobre o que podia ou não ser incorporado na história dos patriarcas de Israel. Muitos relatos bíblicos foram baseados em eventos históricos confirmados pelas escavações arqueológicas, documentos e

artefatos canaanitas, mas as histórias sobre a religião pagã de Canaã foram contadas da maneira mais vantajosa e aceitável pela teologia hebraica. Várias confusões e distorções predominaram acerca da identidade e gênero da Deusa, fosse ela Ashtoreth ou Asherah. No entanto, o simbolismo, a reverência e os costumes da antiga religião da Deusa continuaram até 630 a.C., apesar da sua proibição.

As escavações feitas no Sinai na década de 70 revelaram um altar com inúmeras inscrições e desenhos nas paredes e nos pithoi (os enormes vasos de argila usados para guardar comida e bebidas). Uma das figuras é de uma mulher sentada no trono e servida por



seres meio-animais-meio humanos. Também se encontra a figura de uma vaca amamentando um bezerro e uma procissão lhe trazendo presentes. Na inscrição pode ser lida a frase: "Seja abençoado por Asherah e Jahweh". Asherah era a Mãe divina, uma das mais poderosas e por muito tempo cultuada em Canaã, enquanto a vaca é um símbolo universal das deusas-mães; Jahweh ou Jeová é o deus do Velho Testamento, herdeiro de Baal.

Asherah era chamada de "Senhora do mar" ou "Senhora da luz e da chuva", mãe dos setenta deuses, uma Deusa-mãe por excelência, que nutria deuses e seres humanos e oferecia orientação através das suas sacerdotisas oraculares. Ela era cultuada sob a forma de uma árvore ou um pilar de madeira (também chamado asherah, plural asherim) encontrado nos altares dos templos, nas colinas ou nos bosques sob as árvores frondosas, onde eram comemorados os rituais da lua cheia e os ritos sexuais. Eles representavam os símbolos da deusa Asherah, que era venerada como a "Árvore da vida" ou o corpo da "Deusa da terra".

Eram estes lugares e objetos sagrados que os profetas de Israel se empenharam em destruir, mas sem conseguir totalmente, pois são encontradas várias citações na Bíblia sobre as "recaídas" frequentes dos hebreus nas suas antigas práticas e cultos. De forma velada ou escondida, os hebreus continuavam a cultuar a Deusa com os asherim, os ídolos esculpidos em madeira e as oferendas sob as árvores. Alegando que a destruição dos vestígios pagãos tinha sido ordenada pelo Jeová, os sacerdotes quebravam os pilares, derrubavam templos, incendiavam os asherim e proibiam qualquer prática pagã, os transgressores sendo condenados "ao fogo do inferno".

A "Senhora Asherah do mar" era conhecida também como Atargatis ou Derketo e um dos seus símbolos era o peixe; às vezes ela era representada com rabo de peixe. Descrita como outro aspecto de Asherah, o culto de Attargatis persistiu até 200 d.C. sendo chamada de "Senhora da vida". Ela era força da vida, benevolente e nutridora, que trazia a fertilidade pela água, encontrada nas florestas, auxiliando as mulheres nos seus partos e no plantio dos campos. O seu nome tinha origem no termo "correto" e os seus atributos incluíam a retidão moral, que ela exigia dos seus fieis e a postura ereta durante os rituais, representando o poder das árvores. A sua representação não era humana, apenas um simples tronco de árvore, porém nos seus altares havia estatuetas femininas de argila ou inscrições com uma deusa cavalcando um leão e segurando serpentes nas mãos.

A sagrada tradição feminina destronada pelo medo e força

No Egito, os hebreus lá refugiados e vivendo ao longo de quatro gerações tomaram conhecimento do culto de Ísis e Hathor, da linhagem matriarcal da realeza e dos altos cargos exercidos pelas sacerdotisas. Comparando o número dos integrantes das supostas famílias dos doze filhos que emigraram de Israel para Egito, com os seus descendentes que voltaram para Israel, é possível que uma boa parte destes tenha sido formada por nômades egípcios, canaanitas e semitas, cujos ancestrais reverenciavam a Deusa e que se reuniram no Egito. Ao leste de Canaã, na Babilônia, existia o templo de Ishtar e mesmo em Canaã, a terra que os hebreus invadiram e dela se apropriaram, pesquisas e achados arqueológicos revelaram que os cultos de deusas conhecidas como Ashtoreth, Asherah, Astarte, Anath, Baal, Baalath, Belit, Beltis ou Elat continuaram florescendo em várias cidades. Os hebreus consideraram Canaã a terra prometida, mas como ela já



era habitada quando eles lá chegaram, assumiram o poder e passaram a destruir de forma violenta a religião existente, substituindo-a pela sua própria. Seguindo as instigações dos sacerdotes, os homens e os velhos foram mortos, as mulheres jovens e virgens preservadas para servir como concubinas e escravas e os bens e animais confiscados. É fácil compreender a aceitação da nova religião pelas mulheres, sobreviventes aos massacres das suas famílias e à destruição das cidades e templos. A combinação do medo e do trauma as obrigou a se submeter à religião dos conquistadores, e, com o passar do tempo, foram esquecendo completamente as suas antigas sagradas e femininas tradições.

Apesar das escassas e evasivas referências da Bíblia, as evidências arqueológicas provam que em Canaã os sacerdotes hebreus tiveram contato com a religião da Deusa. Mesmo com a destruição maciça dos artefatos no Sul de Canaã, nas outras terras habitadas pelos hebreus como Egito, Babilônia, Sinai e norte de Canaã foram descobertos importantes vestígios arqueológicos, confirmando os extensivos cultos da Deusa. Como resulta da própria Bíblia, a adoração da Deusa existia mesmo nas capitais hebraicas como Samaria e Jerusalém e foi continuada até pelos chefes das tribos convertidas ao culto de Jeová, mas sem que eles fossem levitas. Esta continuidade do culto da Deusa parece ter sido um dos mais importantes fatores no desenvolvimento das crenças judaicas e depois das cristãs. Os sacerdotes escolhidos entre os levitas eram os mais ferrenhos opositores da Deusa, enquanto os israelitas continuaram a praticar às escondidas os antigos cultos da Deusa. As leis levitas insistiam na sistemática destruição do culto da Divina Mãe Ancestral e desta forma colocaram um fim ao sistema religioso e social matrifocal e matrilinear, criando as bases para a instauração de uma religião patriarcal e opressora das mulheres. ☘



Samhain

A noite dos ancestrais

Celebrado em 31 de outubro, o Samhain é o mais importante dos oito Sabbats ritualizados ao longo da Roda do Ano, marcando o início do ano novo celta e o terceiro e último festival da colheita. Nesta noite, celebra-se a Deusa em sua face escura, a anciã, a senhora da morte e da sabedoria, buscando-se o contato com os espíritos dos familiares falecidos e dos ancestrais.

O Samhain é o único dia em que os celtas procuravam o intercâmbio com o além, "conjurando" espíritos e se comunicando com aqueles que estavam no País do Verão, a terra onde as almas esperam a reencarnação. Segundo as lendas, todos aqueles que tinham morrido durante o ano esperavam o dia de Samhain, quando os véus que separam os mundos são mais tênues, para atravessar as fronteiras. Para guiá-los nessa passagem, eram acesas fogueiras, tochas, velas e as lanternas de abóbora.

Honre essa poderosa egrégora e conecte-se à antiga tradição criando um ritual apropriado. Acenda uma vela preta ou roxa e queime nela todos os aspectos negativos ou ultrapassados de sua vida. Ofereça um bolo de abóbora aos ancestrais, uma romã, uma maçã e uma vela branca à Deusa Cailleach, a Deusa Anciã, pedindo-lhe a transmutação da "escuridão", a regeneração e o dom da sabedoria. Finalize o ritual procurando uma orientação por meio dos oráculos ou buscando uma mensagem do "além".

* Extraído do livro "Anuário da Grande Mãe - Guia prático de rituais para celebrar a Deusa", de Mirella Faur.



As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Sonhos que Semeio", de Mônica Fonseca**, dedicada à Décima Lunação: Mãe Guardiã da força criativa do todo. Aquela que tece a teia.

Sonhos que Semeio

Um sonho guardado
Quase dormindo
Um sonho quietinho
Bem escondido
Tem a minha verdade
Em desejos lindos
De dentro do meu peito
Ele me guia

O amor que une corações inteiros (2x)

Meu coração brilha sons
Que me fazem sair cantando
Canto a vida que semeio
Bordo os sonhos que criei
Danço o amor, o fogo, o beijo
Vibrando todo meu ser

O amor liberta pra tecer meu sonho (2x)



* Para saber mais sobre a Lenda das Matriarcas das 13 Lunações consultar o Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur, Editora Gaia, e <http://teiadethea.org/?q=node/44>

** O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.

NUTRIR

Inspiradas pelas tradicionais abóboras, sempre presentes nos rituais de Samhain, trazemos duas deliciosas receitas!

SOPA DE ABÓBORA COM GENGIBRE E LARANJA

Ingredientes:

1 Kg de abóbora
1 colher (sopa) de gengibre ralado
1 colher (sopa) de casca de laranja
Suco de laranja
1 colher (chá) de noz moscada
Sal
Leite
Parmesão
Torradas
Salsinha e cebolinha frescas

Modo de Fazer:

Ferva a abóbora em pedaços com 2 xícaras de água, o gengibre ralado, a casca de laranja, o suco de laranja, uma colher chá sal e a noz moscada. Após a abóbora amolecer, bata no liquidificador, acrescentando leite para diluir. Prove o sal e salpique parmesão. Sirva com torradas, salsinha e cebolinha.

Acompanhamento: Chá de gengibre com canela e cravo.



BOLO DE ABÓBORA



Ingredientes:

4 ovos
4 colheres (sopa) de margarina ou manteiga
2 xícaras (chá) de açúcar
2 xícaras (chá) de abóbora cozida
1 xícara (chá) de farinha de trigo
1 xícara (chá) de amido de milho
1 xícara (chá) de coco ralado
1 colher (sopa) de fermento em pó
1 pitada de sal

Modo de fazer:

Aqueça o forno a 180 °C. Enquanto isso, bata as claras em neve e reserve. Bata as gemas com a margarina e o açúcar. Misture a abóbora, a farinha de trigo, o amido, o coco ralado e o fermento. Ponha em uma forma com furo central e untada com margarina. Leve para assar durante 40 minutos ou até que, espetando um palito, saia seco.



MATO AMIGO

No meio agrônômico, chama-se mato tudo aquilo que você não quer ver crescer na sua lavoura. Essas plantas indesejadas também são chamadas de ervas daninhas, ervas más ou plantas invasoras. Imagino que devam existir dezenas de nomes regionais para essas plantas não queridas pelas pessoas.

Na ideia antropocêntrica de se fazer agricultura, o primeiro passo é limpar a terra. Tirar da frente tudo o que for verde ou se mexer. Depois de limpa, planta-se nessa terra as sementes daquilo que se deseja colher. Geralmente, só uma coisa. Chama-se a isso de monocultivo. Cultivo de uma única espécie.

Enquanto o que desejamos colher cresce, todo o resto é considerado mato, erva daninha ou planta invasora quando entra na nossa área. Qualquer planta que se atreva a germinar naquele solo será arrancada, cortada ou envenenada. Não há a menor chance de sobrevivência para qualquer outra espécie que não seja a espécie desejada pelo ser humano que possui aquele pedaço de chão.

Depois que a planta desejada crescer e produzir aquilo que o homem quer, se for uma planta anual como o milho, a soja ou o feijão, morrerá e a terra ficará limpa novamente para que esse ciclo recomece.

As plantas daninhas são, em regra, odiadas ou, às vezes, só temidas. Há livros e livros dizendo como podemos nos livrar delas. Técnicas diversas, listas enormes de venenos.

Antigamente, pois, eu também olhava para elas com incômodo. Não sabia o que pensar e ficava chateada quando cresciam no meu jardim. Ai, que trabalhadeira... preciso arrancar tudo aquilo... quanto tempo vai me tomar...

Hoje, tudo se transformou. Sou grata a cada uma delas individualmente e a todas coletivamente. Elas dão colorido ao meu quintal e estão sempre dispostas a me ajudar a cobrir o solo quando faço o manejo. Sinto sua falta quando preciso de matéria orgânica e não há nada disponível e tenho que trazer de fora. Sinto que há algo errado. De vez em quando, aparece uma visita casual que me conta que o chá daquela é bom para o estômago e que a flor daquela outra é comestível. Vou descobrindo pouco a pouco que todas elas tem uma função, um dom, uma habilidade, uma forma de contribuir para que meu quintal seja mais bonito e produtivo.

Percebi também que gostam de ser manejadas. Algumas

crescem rápido depois de podadas, fornecendo rotineiramente a matéria orgânica que preciso para o dia-a-dia. Outras dão florezinhas lindas e delicadas e morrem. Se cortamo-nas logo depois de florescerem, curtimos as flores e ainda aproveitamos o restinho de massa para cobrir o solo. Coloco algumas das mais temidas em vasos e jardineiras onde, reinando, enfeitam e embelezam minha casa. Descubro novas formas de usá-las ao observar como se comportam, como crescem, como reagem à poda.

Hoje, quando manejo o quintal, sinto imensa gratidão por existirem. Convido-as a virem, a se apresentarem, a me revelarem seus segredos. Nenhuma é indesejada. Como jardineira, agradeço sua existência e utilizo-as.



As plantas que dão a maior parte do alimento hoje - trigo, milho, arroz, por exemplo - foram um dia plantas daninhas. A cevada era mato no meio do trigo. Tomou conta e para fazer uma limonada, os agricultores começaram a domesticá-la. Foi graças a milhares de gerações de agricultores e agricultoras que trigo, milho e arroz chegaram até nós. Foi com seu incansável trabalho de plantar, cuidar, colher, selecionar, plantar de novo, todos os anos, ano

após ano, armazenando, trocando, distribuindo... que criaram centenas de variedades locais adaptadas a cada uma das específicas necessidades. De todas as cores, de todos os formatos e composições, o milho e o feijão são exemplos escandalosos. Ambos são latinoamericanos e foram domesticados, selecionados e adaptados por nossos ancestrais que viveram nessa terra antes de nós e aos quais devemos boa parte do nosso alimento. Além deles, a abóbora, o inhame, o cará, a mandioca. A pimenta e o amendoim.

E por onde anda toda essa diversidade? Desaparecendo sob o mesmo massacre que extermina ainda hoje nossos irmãos indígenas. Sob o massacre da uniformidade e do controle. Sob o massacre do lucro e da ganância. Sob o massacre que é para as culturas todas o controle privado da semente, que é a única possibilidade de futuro.

E nós? Que sementes vamos deixar para as próximas gerações?

*Helena Maltez é jardineira agroflorestal e mantém o blog <http://www.buniting.blogspot.com/>. Também recebeu o Prêmio Tuxaua Cultura Viva do Ministério da Cultura.



Próximos Rituais 2012

Plenilúnio

Chokmah,

a Deusa hebraica da sabedoria

Data: 28 de novembro (quarta-feira)

Vestir saia ou vestido na cor branca ou azul.

Somente para mulheres



Levar:

* 1 vela branca em um castiçal ou copo;

* 1 véu da cor de sua preferência;

* fitas de cetim de 75 cm nas cores prata (ou cinza), dourado (ou amarelo) e branco;

* 1 flor branca (Lírio, rosa, copo de leite ou outra).

Workshop

Celebração das Grandes Mães Ancestrais Afro-Brasileiras (Iyá Mi) e da Deusa Oxum

Data: 08 de dezembro (sábado)

Somente para mulheres

Ritual de Cura

Círculo de Luz para a Mãe Terra

Data: 12 de dezembro (quarta-feira)

Aberto aos homens

Celebração do Solstício

O Fogo Sagrado da Família

Data: 21 de dezembro (sexta-feira)

Aberto aos homens

Plenilúnio

Deusas tecelãs

Data: 28 de dezembro (sexta-feira)

Somente para mulheres



Os rituais têm início às 20h e acontecem na Unipaz - Brasília/DF
Energia de troca R\$ 15,00

O workshop terá duração de um dia.

Mais informações sobre valores e materiais consultar site da Teia ou entrar em contato com:

Nane (61) 9677.9453, www.teiadethea.org
ou teiadethea@teiadethea.org

Maria,

O bordado repousa no seu colo, incapaz de manter cativo o foco do seu olhar. Seu pensamento voa até os limites imprecisos do devaneio, armadilha que rouba de você a única coisa realmente existente: o aqui, agora. Quem vai nascer já ocupa lugar no seu coração de avó aprendiz.

Que as águas desse rio de conjecturas possam levar você na direção da sua foz, a identificar as centelhas das que prepararam o caminho para a sua chegada: mãe, avós, bisas, uma linhagem tão longa quanto significativa. E você, que se reconhece a união de uma metade lobos com a vastidão das montanhas, começa a identificar em si outros sinais: a criatividade da mãe, artista de tantos instrumentos, encontrou em você o recurso da habilidade manual da avó, a praticidade da bisa... Sua viagem segue para dentro de si mesma e ao encontro de sua ancestralidade, em rumos aparentemente dispares, mas só aparentemente. Pois que o resultado desse mergulho parece criar um momento único, mágico, onde todas as mulheres que já foram se unem em você com todas as que virão.

Essa é uma das tantas maneiras de que o Amor se vale para se multiplicar no Universo, filha: o reconhecimento, o reencontro. Antecipando a delícia de ter nos braços quem ainda vai nascer, você também renasce, plena de gratidão pela coreografia de tantas consciências que culminou nesse momento único.

E aqui, agora, você é mulher, mãe, quase avó, bordando delicadezas e alegrias diante de sua janela, inspirada no cheirinho de talco, na textura das lãs, e renovando o compromisso de semear harmonia, pavimentando, por sua vez, o solo da geração que vai chegar.

Em libertadora compreensão.

Aquela que é.



Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes, Paula Nunes e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Helena Maltez, Maria Amaziles e Vera Tanka
Imagens de internet
Informações: www.teiadethea.org
Nane - 96779453 ... Andrea - 34084065
deusaviva@teiadethea.org

